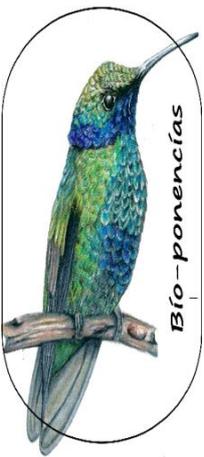


PRÁTICA DE ENSINO EM CIÊNCIAS: INVESTIGAÇÃO SOBRE AS CONCEPÇÕES DE GÊNERO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

SCIENCE TEACHING PRACTICE: RESEARCH ON THE CONCEPTIONS OF GENDER OF CHILDREN AND ADOLESCENTS

José Alexandre Krul¹
Artiese Machado Madruga²
Bruna Kern Moura³
Dhenifer Caroline Kraus⁴
Eonice Tozin⁵
Rúbia Emme⁶

Resumo



Esta pesquisa teve a temática de gênero, com o propósito de possibilitar diálogos e debates sobre o tema, a pesquisa teve como objetivo analisar as concepções de gênero de estudantes no âmbito da Educação Básica. Através da legislação vigente e de referenciais bibliográficos da área, foi possível aprofundar o conhecimento sobre a temática de gênero. Nesta pesquisa foi realizado um questionário com 98 estudantes de duas turmas do 7º ano e do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública Estadual, do município de Santa Rosa. Esta pesquisa em educação de abordagem qualitativa, teve em sua tipologia a pesquisa de campo, na intervenção os/as estudantes responderam um questionário (com 8 questões), para a análise de dados do questionário utilizou-se a análise de conteúdo, por categoria temática. Sendo que neste recorte de análise a categoria definida *a priori* foi concepção de gênero. Portanto, nesta pesquisa compreendemos que o gênero pode fazer parte dos currículos escolares, inclusive nas aulas de Ciências e Biologia. Concluimos que, ao mesmo tempo que a escola está formando um estudante,

¹ Professor Doutor, na área de Filosofia, Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa. E-mail: alexandre.krul@iffarroupilha.edu.br

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Câmpus Santa Rosa, e-mail: artiesemachodomadruga@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Câmpus Santa Rosa, e-mail: bruninhakern83@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Câmpus Santa Rosa, e-mail: dheniferkraus@gmail.com

⁵ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Câmpus Santa Rosa, e-mail: eonicetozin50@gmail.com

⁶ Professora Doutora, na área de Pedagogia e ensino de Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências (PPGEC), Mestrado, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo. E-mail: rubia.emmel@iffarroupilha.edu.br

ela também está formando sujeitos de linguagem, que são marcados por discursos e por relações de poder.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Gênero; Sexualidade; Crianças e Adolescentes

Abstract

This research had the theme of gender, with the purpose of enabling dialogues and debates on the theme, the research had as objective to analyze the conceptions of gender of students in the scope of Basic Education. Through the current legislation and bibliographical references of the area, it was possible to deepen the knowledge about the theme of gender. In this research was conducted a questionnaire with 98 students from two classes of 7th grade and 8th grade of Elementary School of a School of Public State, Santa Rosa. This research in qualitative approach education had in its typology the field research, in the intervention the students answered a questionnaire (with 8 questions), for the analysis of data of the questionnaire was used the content analysis, by thematic category. Being that in this analysis cut the category defined a priori was conception of gender. Therefore, in this research we understand that gender can be part of school curricula, including in science and biology classes. We conclude that, at the same time that the school is forming a student, it is also forming subjects of language, which are marked by discourses and relations of power.



Keywords: Science teaching; Genre; Sexuality; Children and Adolescents

Introdução

Esta pesquisa parte da temática de gênero, optou-se por este tema para possibilitar diálogos e debates no ensino de Ciências nas escolas de Educação Básica. O gênero e sexualidade atualmente estão sendo amplamente debatidos em nossa sociedade, como apontam os estudos de Louro (1997), Saffioti (2007), Silva (2004, 2014), Pelúcio (2014).

Diante da temática proposta, impõe-se questionar: Como os licenciandos em Ciências Biológicas podem possibilitar diálogos e debates sobre o gênero nas escolas de Educação Básica? Quais as concepções de gênero dos estudantes da Educação Básica?

Considerando a necessidade de alertar e informar crianças e adolescentes sobre a realidade da violência de gênero na esfera nacional e regional, esta pesquisa possibilita reflexões a fim de que possam construir uma visão mais transformadora perante as diferenças.

As identidades de gênero traduzem representações sociais historicamente construídas, determinando a homens e mulheres lugares diferenciados na sociedade, conforme os estudos de Silva (2004). O que pode vir a produzir violência de gênero, pois para Saffioti (2007), a conformidade tem sido uma constante na educação feminina. As mulheres impõem-se a necessidade de inibir a agressividade, pois elas deveriam ser dóceis, cautelosas e passivas. A educação masculina, no entanto, historicamente trouxe elementos que contribuem para a agressividade. Os homens são ensinados a competir permanentemente e a agressividade é um componente básico da personalidade competitiva.



Acredita-se que este tema é de grande relevância a formação inicial de professores, nos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas. Considerando que ao integrar-se às escolas para desenvolver práticas, estágios, projetos de ensino, pesquisa ou extensão, torna-se relevante o conhecimento sobre este tema e que seja abordado pelos futuros professores que tenham conhecimento e esclarecimento não somente sobre a sexualidade (tema que é parte dos conteúdos ensinados pela área de Ciências Naturais na Educação Básica), mas também sobre a temática de gênero e os estudos de identidade de gênero. Ao adentrar as escolas os professores poderão se deparar com crianças ou adolescentes que sofreram violência de gênero, e ao ter conhecimentos sobre o tema, conduzirão a situação abordando-a de forma legal, conforme o que prevê as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos:

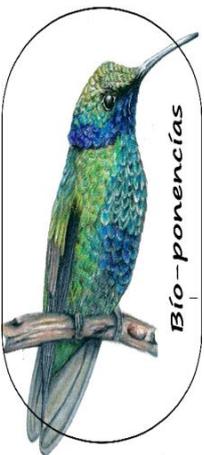
Art. 16 Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos

conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo (Brasil, 2010).

Em virtude destas considerações iniciais, esta pesquisa teve como objetivo geral: analisar as concepções de gênero de estudantes no âmbito da Educação Básica.

Material e Métodos: o caminho da pesquisa

Esta pesquisa em educação caracteriza-se em sua natureza pela abordagem qualitativa, tem em sua tipologia a pesquisa de campo, pois extraímos dados e informações diretamente da realidade do objeto de estudo. A população de pesquisa foram 98 estudantes de duas turmas do 7º ano (Turma A e Turma B) e do 8º ano (Turma A e Turma B) do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública Estadual, do município de Santa Rosa.



Para esta pesquisa foi levado em conta os preceitos éticos e de direito previstos na Resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012), que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Considerando que, os preceitos éticos foram respeitados, pois todos os participantes concordaram de forma livre, consentida e esclarecida. Os participantes deste estudo foram orientados acerca dos objetivos e procedimentos da pesquisa, e tiveram seu direito de participar ou não da mesma preservada, bem como, o sigilo e o anonimato. A fim de garantir a autoria e ao mesmo tempo o sigilo, os estudantes foram nominados no 7º ano “E1 ao E49”; e no 8º ano “E1 ao E49”.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado durante a intervenção um questionário, com perguntas fechadas, foi respondido por todos os estudantes dos 7º anos e dos 8º anos. Para análise dos dados o questionário (com oito questões) foi dividido em categorias definidas *a priori*, sendo a análise de conteúdo, por categoria temática, seguindo as seguintes etapas descritas por Lüdke e André (1986, p. 42): “Primeira etapa: unidade de contexto; Segunda etapa: análise da forma de registro; Terceira Etapa: construção de categorias ou tipologias”.

Constituir as categorias de análise de dados favoreceu uma maior análise e permitiu a da temática de pesquisa a partir de vários cenários de análise. Na tabulação os dados foram dispostos em tabelas, para maior facilidade de representação e verificação das relações entre as respostas, feita

eletronicamente, utilizando o armazenamento e análise estatística no programa Excel, considerando tratar-se de dados numerosos.

A elaboração dos dados de pesquisa propiciou a constituição desta investigação da Prática de Ensino enquanto Componente Curricular, do Curso em Licenciatura em Ciências Biológicas, que pretende contribuir com a problematização e discussão das questões biológicas da Sexualidade, investigando de forma integrada e contextualizada a centralidade das questões sociais de Gênero de crianças e adolescentes na Educação Básica.

Resultados e Discussão

Em relação ao perfil dos sujeitos participantes da pesquisa (98 estudantes), também responderam um questionário fechado sobre Gênero e Violência Sexual, sendo inicialmente questionados quanto ao Gênero, conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Gênero dos estudantes

Gênero	7A e 7B	T	8A e 8B	T
Masculino	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E19, E21, E22, E23, E27, E30, E31, E33, E35, E36, E37, E38, E39, E40, E41, E43, E45, E46, E49.	34	E1, E4, E8, E11, E13, E14, E15, E16, E18, E19, E23, E24, E26, E28, E29, E32, E35, E36, E37, E38, E39, E40, E42, E43, E47, E49.	26
Feminino	E8, E9, E18, E20, E24, E25, E26, E28, E29, E32, E34, E42, E44, E47, E48.	15	E2, E3, E5, E6, E7, E9, E10, E12, E17, E20, E21, E22, E25, E27, E30, E31, E33, E34, E41, E44, E45, E46, E48.	23

Fonte: Autores, 2019. Nota: T = Total.

Na Tabela 1 identificou-se que a maioria dos estudantes são meninos, sendo que nas turmas de 7º ano de um total de 49 estudantes, 15 são meninas e 34 são meninos. Já nas turmas de 8ºano, um total de 48 estudantes, 23 são meninas e 26 são meninos; de um total geral de 98 estudantes, sendo destes 38 meninas e 60 meninos.

A Tabela 2 apresenta a faixa etária dos estudantes que responderam ao questionário.

Tabela 2. Faixa Etária dos Estudantes

Idade	7A e 7B	T	8A e 8B	T
-------	---------	---	---------	---



12 anos	E3,E8,E10,E11,E14,E17,E19,E20 ,E23,E25,E26, E31, E38, E39, E40, E41, E44, E45, E47, E49.	20		0
13 anos	E1,E4,E6,E7,E9,E12,E15,E16,E1 8,E21,E22,E24,E27, E29, E32, E33, E35, E42, E48.	19	E1, E2, E3, E6, E9, E11, E12, E15, E16, E17, E20, E22, E24, E26, E29, E33, E34, E35, E41.	19
14 anos	E2,E13, E28, E30, E34, E36, E37, E43, E46.	9	E4, E5, E7, E8, E10, E13, E14, E18, E19, E21, E23, E25, E27, E30, E31, E32, E38, E39, E42, E43, E45, E47.	22
15 anos	E5.	1	E28, E40, E44, E46, E48, E49.	6
16 anos			E36, E37.	2

Fonte: Autores, 2019. Nota: T = Total.

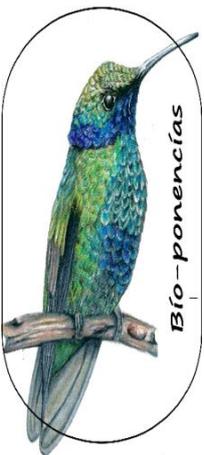
Na Tabela 2 identifica-se que a maioria dos estudantes do 7° ano tem 12 anos de idade, sendo 20 de um total de 98 e do 8° ano a maioria tem 14 anos de idade, sendo 22 de um total de 98, 1 estudante do 7° ano tem 15 anos, e 9 estudantes tem 14 anos, no 8° ano 10 estudantes tem 15 anos e 2 estudantes tem 16 anos.

Nos próximos itens apresentamos as análises das respostas dos estudantes ao questionário, a partir de categorias definidas *a priori* no caso deste recorte da pesquisa: concepções de gênero.

Concepções de Gênero

Na busca de uma concepção de gênero, os estudos de Silva (2004) apontam que este conceito tem uma história relativamente recente, pois a palavra “gênero” foi utilizada pela primeira vez num sentido para dar conta dos aspectos sociais do sexo. Paraphraseando Silva (2004) a palavra “gênero”, estava restrita a gramática, para designar o “sexo” dos substantivos. Gênero opõe-se a sexo: “enquanto este último termo fica reservado aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, o termo gênero refere-se aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual” (Silva, 2004, p. 91).

A partir dos estudos de Silva (2004) compreende-se que não podemos tratar o tema da sexualidade, sem considerar os estudos de gênero. Para este autor, as teorias feministas denunciam profundas desigualdades que dividem homens e mulheres, marcadas pelos estereótipos de gênero:



“Particularmente, questionavam-se os estereótipos ligados ao gênero como responsáveis pela relegação das mulheres a certos tipos, “inferiores” de currículos ou de profissões. Os estereótipos de gênero estavam não apenas amplamente disseminados, mas eram parte integrante da formação que se dava nas próprias instituições educacionais. O currículo educacional refletia e reproduzia os estereótipos da sociedade mais ampla. A literatura crítica concentrou-se em analisar, por exemplo, os materiais curriculares, tais como os livros didáticos, que caracteristicamente faziam circular e perpetuavam esses estereótipos. Um livro didático que sistematicamente apresentasse as mulheres como enfermeiras e os homens como médicos, por exemplo, estava claramente contribuindo para reforçar esses estereótipos e, conseqüentemente, dificultando que as mulheres chegassem às faculdades de Medicina. De forma similar, os estereótipos e os preconceitos de gênero eram internalizados pelos próprios professores e professoras que inconscientemente esperavam coisas diferentes de meninos e meninas. Essas expectativas, por sua vez, determinavam a carreira educacional desses meninos e dessas meninas, reproduzindo, assim, as desigualdades de gênero” (Silva, 2004, p.92 e p.93).



Pela análise feminista dos estereótipos de gênero o que se pretende questionar de acordo com Silva (2004) é a aparente neutralidade do mundo social com características de um gênero dominante: o masculino; assim os estudos feministas chamam atenção para o caráter relacional das relações entre os sexos.

“Não são apenas as formas pelas quais aparecemos, pensamos, agimos como homem ou como mulher - nossa identidade de gênero - que são socialmente construídas, mas também as formas pelas quais vivemos nossa sexualidade. Tal como ocorre com a identidade de sexual não é definida simplesmente pela biologia. Ela tampouco tem qualquer coisa de fixo, estável, definitivo. A identidade sexual é também dependente da significação que lhe é dada: ela é, tal como a identidade de gênero, uma construção social e cultural” (Silva, 2004, p.106).

A partir dos estudos de Gênero imprescindíveis as análises desta pesquisa, percebe-se que a importância da análise dos discursos, e dos elementos de gênero, compreende-se que não se pode tratar da temática da Violência Sexual, sem compreender Gênero, pois a Violência Sexual é uma Violência de

Gênero. A Tabela 3 apresenta as respostas dos estudantes sobre a questão 2 (O que é gênero?).

Tabela 3. Concepção de gênero

(2) O que é gênero?	7A e 7B	T	8A e 8B	T
Aquilo que identifica e diferencia os homens e as mulheres	E1, E2, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E18, E19, E20, E21, E22, E23, E24, E25, E26, E27, E28, E32, E33, E34, E35, E36, E37, E38, E39, E40, E41, E42, E43, E44, E45, E47, E48, E49.	4 4	E1, E2, E3, E4, E6, E7, E8, E9, E10, E12, E13, E14, E16, E17, E18, E19, E20, E21, E22, E23, E24, E25, E26, E27, E28, E29, E30, E31, E32, E33, E34, E35, E36, E41, E42, E44, E46, E47.	4 0
Sinônimo de sexo	E3, E29, E43, E46.	4	E10, E11, E22, E34, E37, E38, E48.	7
Aquilo que diferencia socialmente as pessoas	E2, E30.	2	E5, E30, E39, E40.	4
Classificação científica e agrupamento de organismos vivos	E2, E3, E5, E31.	4	E7, E39.	2

Fonte: Autores, 2019. Nota: T = Total.

Nesta questão havia quatro alternativas de respostas sendo que os estudantes poderiam marcar mais de uma alternativa. Em todas as turmas a alternativa mais frequente foi: “Aquilo que identifica e diferencia os homens e as mulheres”: 44 estudantes dos 7° anos (de um total de 49 estudantes) e 40 estudantes dos 8° anos (de um total de 49 estudantes). A segunda alternativa mais frequente foi “sinônimo de sexo”: 4 estudantes dos 7° anos e 7 estudantes dos 8° anos. A terceira alternativa mais frequente das turmas de 7° ano foi “classificação científica e agrupamento de organismos vivos”: 4 estudantes. Para as turmas de 8° ano foi “aquilo que diferencia socialmente as pessoas”: 4 estudantes. A alternativa menos frequente para as turmas de 7° ano foi “aquilo que diferencia socialmente as pessoas” 2 estudantes. Para as turmas de 8° ano foi “classificação científica e agrupamento de organismos vivos” 2 estudantes.

Ao analisar a concepção de gênero no contexto escolar o desafio está conforme Pelúcio (2014) “desnaturalizar nosso olhar” (p. 97). Mas afinal, o que é gênero? Buscou-se leituras e definições em Louro (1997):

[...] o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas(es) que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-



se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existia a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classes) que a constituem. (Louro, 1997, p. 23).

Sendo assim, gênero pode ser entendido fundamentalmente como uma construção social, daí seu caráter histórico e plural, e também a multiplicidade de alternativas marcadas pelos estudantes ao buscar uma definição.

A ideia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, a idade etc.; além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo. (Louro, 1997, p.10).



Compreende-se que, nas alternativas a maioria dos estudantes deteve-se as diferenças nas respostas para definir gênero, “Aquilo que identifica e diferencia homens e mulheres”, mas não se sabe qual a compreensão das diferenças apontadas pela maioria, uma vez que, alguns apontaram “Sinônimo de sexo”, fica a questão: será que os estudantes entenderam “as diferenças” do ponto de vista social, ou detiveram-se as diferenças biológicas? Parafraseando Louro (1997), é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Conclusões

Nesta pesquisa foi possível identificar que na problemática de gênero e sexualidade estão envolvidos diversos fatores biológicos, psicológicos e sociais, como: corpo, sexo, emoção, cultura, sociedade, repressão, poder, preconceito, desejo, paixão, prazer e vida. Percebeu-se a importância de analisar as concepções dos estudantes, e a importância da instituição escolar

de Educação Básica, ao problematizar não apenas a sexualidade de forma fragmentada, pois os estudos de gênero podem desconstruir os estereótipos, que marcam homens e mulheres, masculinos e femininos em nossa sociedade.

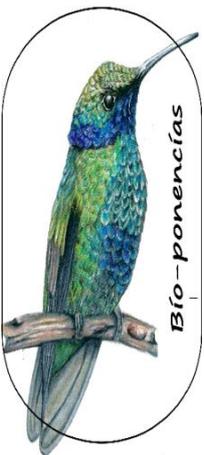
Sendo assim, a inserção de temas como o gênero no ensino de Ciências pode contribuir para valorizar as diferenças, para a diminuição de práticas e discursos machistas que reforçam o ódio, discursos estes, ainda tão presentes nas sociedades contemporâneas. As escolas e os professores podem ser sensibilizadores, para o reconhecimento dos direitos humanos e a prevenção da violência gênero.

Tendo em vista, os aspectos observados, nas análises dos questionários respondidos pelos estudantes, percebeu-se que a maior parte dos estudantes já possuía certo conhecimento sobre a temática, mas esse conhecimento ainda é superficial. Em vista dos argumentos apresentados acreditamos que esta pesquisa contribuiu para a compreensão e reflexão dos conceitos de gênero e a necessidade de aprofundamento destes conceitos no ensino de Ciências.

Portanto, foi possível perceber que é impossível descolar a sexualidade dos elementos e discursos de gênero no contexto educativo. Concluímos que a escola ao mesmo tempo em que está formando um estudante, também está formando sujeitos de linguagem, que são marcados por discursos e por relações de poder. Enquanto professores de Ciências podemos agir de forma a minimizar os preconceitos e discriminações, empoderando os sujeitos estudantes através do conhecimento não somente do ponto de vista biológico (visão fragmentada da temática de gênero), mas também do psicológico e do social.

Referências

- Louro, G. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. de. (1986). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Parecer CNE/CEB n. 11/2010, de 7 de julho de 2010* (2010). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos. Brasília, DF. Recuperado em 10 de abril de 2019, de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6324-pceb011-10&Itemid=30192



- Pelúcio, L. (2014). Desfazendo o gênero. En: Júnior, J. & Miskolci, R. (orgs.). *Diferenças na Educação: outros aprendizados*. 20. ed. São Carlos: EdUFSCar.
- Resolução 466* (2012). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF. Recuperado em 10 de abril de 2019, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Saffioti, H. (2007). A síndrome do pequeno poder. En: Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. (org.). *Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.
- Silva, T. T. (2004). *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Silva, T. T. (2014). A produção social da identidade e da diferença. En: Silva, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes.

